



SERÕES. REVISTA MENSAL ILLUSTRADA – Publicou-se em **Lisboa**, entre **Março de 1901 e Dezembro de 1911**. Um tempo de vida que indicia a boa receptividade que alcançou junto do público e, portanto, a fidelização de um número significativo de assinantes. Em rigor, desconhece-se quantos eram. A informação nunca baixou às páginas da publicação. As alusões ao assunto assumiram sempre a forma vaga e eloquente d' «os milhares», que nos soam duvidosos. De qualquer forma, foram em número suficiente para garantir dez anos de vida à *Serões*, pelo menos, em articulação com a publicidade e o empenho dos seus dinamizadores.

Não obstante, existiam outras publicações equivalentes no mercado editorial, como *O Occidente. Revista Ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, que se publicava desde 1878; a *Brasil Portugal. Revista Quinzenal Ilustrada*, que vinha de 1896; e a partir de 1903, a *Ilustração Portuguesa*.¹ Todas, **publicações de entretenimento**, direcionadas para o **grande público**, ou seja, para a pequena e média burguesia, cidadina, que fazia gosto em firmar e, sobretudo, afirmar a sua cultura e conhecimento, sustentados num discurso polido, diversificado, mais ou menos atualizado.

Um dos aspetos que mais particulariza a *Serões* é a sua **relação com o mundo do livro**. Embora esse vínculo esteja presente desde o início, na medida em que a revista publicava obras que tinha por relevantes, de forma segmentada ou distribuída por vários números sequenciais; a partir da 2.^a série da revista, iniciada em 1905, na sequência da venda do título à **Livraria Ferreira**, também casa editora, essa relação com o livro intensificou-se e assumiu contornos de grande complementaridade. A *Serões* foi, de facto, um **canal de divulgação e promoção da Livraria Ferreira, também Livraria Ferreira & Oliveira – Editores** e, sobretudo, do seu catálogo e dos autores que com ela trabalhavam.

Essa concepção da publicação como **instrumento de “marketing”** levou a que nela fossem ensaiadas e desenvolvidas algumas estratégias comerciais que cremos inovadoras no contexto da imprensa portuguesa. Na sua maioria, pressupunham a “comunicação com” e a “orientação para” o leitor. Referimo-nos concretamente a concursos, suplementos temáticos ou dirigidos a públicos específicos (música, senhoras, crianças, etc.), brindes e promoções², um sistema de entrega da revista ao domicílio³, além da vulgar secção de «Correspondência do leitor».

Outra perspetiva que a *Serões* oferece é a do acompanhamento mensal, ao longo de um período de cerca de seis anos, da linha editorial e dos ritmos de produção de uma casa editora, no início do século XX.

¹ Todas estas publicações estão acessíveis na Hemeroteca Digital.

² Cf., a título de exemplo, na *Serões*, 2.^a série, n.º 50, de Janeiro de 1910, no verso da página de «Expediente», uma série de 8 cupões, para recortar, com a oferta de descontos na aquisição de produtos e serviços variados.

³ Cf. *Serões*, 1.^a série, n.º 12, de Dezembro de 1902.

AS PUBLICAÇÕES DE ENTRETENIMENTO

Antes de iniciar um esboço da revista *Serões*, importa contextualizá-la minimamente, pondo em evidência as condições que motivaram o aparecimento deste tipo de publicação.

Instalado o princípio da igualdade de todos os homens, decorrente do triunfo das ideias liberais e da ascensão da burguesia, o saber, a cultura e o empreendedorismo tornaram-se critérios de conquista e aferição de direitos. Daí resultou quer um crescente desejo de alcançar o conhecimento, quer a defesa e o desenvolvimento de políticas de educação e formação em favor de toda a sociedade.

A intensificação e a abrangência da vida social, que se passou a distribuir por uma infinidade crescente de momentos e espaços – desde a associação, ao café, da sala de espectáculos, ao grémio, passando pelo salão de beleza, o jardim, etc. – concorriam no mesmo sentido, na medida em que estimulavam relações, cumplicidades e também a competição, o desejo de reconhecimento entre pares. Desconhecer a história do país, as suas belezas naturais e patrimoniais, os seus artistas e escritores; desconhecer a criação literária, a moda e os *faits divers* das famílias mais reputadas; ignorar os avanços da ciência, as obras de engenharia mais arrojadas, podia ser muito constrangedor. No espaço público, a ignorância ensombrava o cidadão, votando-o ao descrédito ou mesmo à chacota e ao ostracismo. “Sei conversar, logo existo” podia resumir essa ânsia de conhecimento, que por vezes não passava de um desejo frívolo, alimentado pela vaidade.

Se à apetência social e à vontade política juntarmos as condições materiais e técnicas resultantes de uma progressiva mecanização – que atingiu a própria tipografia e áreas subsidiárias e complementares, como as artes gráficas, a encadernação, o fabrico de papel, etc. – que permitiu uma redução significativa dos custos de produção e a aplicação de economias de escala, ficam em evidência as coordenadas que explicam o despoletar das designadas “indústrias do conhecimento”. O livro e a publicação periódica (jornal, revistas, almanaque, etc.) eram então os seus principais produtos.

Considerando que o universo de leitores era ainda reduzido, ainda que estivesse em expansão, e que já existiam outras publicações da mesma natureza, parece-nos interessante dissecar, por um lado, a identidade dos promotores do projecto editorial, e, por outro, quais foram os recursos accionados e as estratégias desenvolvidas pela *Serões*, ao longo dos seus dez anos de edição, para captar e manter os seus leitores.

OS PROMOTORES DA *SERÕES*

Ao tempo do seu lançamento, em Março de 1901, e ao longo de toda a 1.^a série, até Dezembro de 1904, a informação presente na publicação, e exigida por lei⁴, apenas esclarece que a «**Administração**» e a «**Tipographia dos Serões**» tinham sede em Lisboa, na Calçada do Cabra; o «**Impressor**» era **F. Gonçalves**, com endereço na Rua do Alecrim⁵; e como «**Editor**» apresentava **Thomaz Rodrigues Mathias**⁶.

⁴ Cf, *Diário do Governo*, n.º 155, de 18 de Julho de 1898, digitalizado e acessível na Hemeroteca Digital, na secção «Leis de Imprensa».

⁵ A partir de Novembro de 1901 a referência ao impressor desaparece.

⁶ Pouca informação se encontrou sobre este personagem. Foi editor, em Lisboa, de vários periódicos de natureza diversa, nomeadamente: *O gato: semanário alegre de crítica ligeira* (1898); *A gata: folha humorística para todos os paladares* (1898); *Commercio de Lisboa: folha commercial, noticiosa e litteraria* (1898); *A questão social: órgão dos trabalhadores* (1900); *O Grande Elias: semanário illustrado, literário e*

A identidade do **director** ficou, portanto, rodeada de algum mistério, só sendo revelada no início da 2.^a série, em 1905, quando se tentou convencer os leitores a adquirir os exemplares, ainda disponíveis, da série anterior: «Foi elle o sr. **Adrião de Seixas** [Sublinhado nosso], já sobejamente conhecido no mundo das letras, e cujo nome ficará ligado aos *SERÕES*, como seu primeiro inspirador e fundador.»⁷

A propriedade da publicação, durante a 1.^a série, também não ficou esclarecida. Mas na edição de Dezembro de 1904, o anúncio do fim da 1.^a série parece ser assumido por uma entidade comercial, não identificada, que não se escusa de afirmar incapacidade para dar continuidade ao projecto editorial: «Com a publicação d'este numero 24 completa-se o IV volume dos *Serões*, e o ultimo da serie que a actual empreza iniciou. A publicação da 2.^a série terá por editor a Livraria Ferreira. A impossibilidade de manter, a sahida dos números da Revista, aquella periodicidade, que foi prometida e a nosso pesar quasi nunca cumprida, obriga-nos a entregar o encargo.»⁸

A revista conheceu então um pequeno interregno, já que o primeiro número da 2.^a série só apareceu em Julho de 1905. Tinha então a chancela da já referida «**Livraria Ferreira & Oliveira, Lda. – Editores**», que se arrogavam de ser «Livreiros de S.M. EL-REI» e «Depositários das publicações do estado»⁹.

Segundo apurámos, a casa originária foi a **Livraria Ferreira**, fundada em 1846, e que estava instalada na «**Rua Áurea, 132-138**», no coração de Lisboa. Tudo leva a crer que, entre finais de 1904 e início de 1905, o(s) proprietário(s) da Livraria Ferreira constitui(ram) uma sociedade que assumiu a designação de Livraria Ferreira & Oliveira, Lda. A operação coincidiu, no tempo, com a aquisição do título *Serões* e o lançamento da 2.^a série. Provavelmente estava directamente relacionada com essa iniciativa editorial, mas não podemos afirmar categoricamente. Até Maio de 1907, será aquele o endereço da «Administração e Redacção» da revista.

Coincidindo com a publicação da lei de 11 de Abril de 1907¹⁰, do governo de João Franco, a «Séde da redacção e administração» passou para a Praça dos Restauradores, 27, endereço que era o da **Typographia do Anuário Commercial**, que, na mesma altura, surge como oficina de impressão e composição da *Serões*. Passa também a figurar o

teatral (1903-1904); *A democracia cristã: órgão dos operários católicos* (Lisboa, 1903-1906); *O despacho: revista mensal das Alfandegas, Comercio e Industria* (1905); *Borga: semanário de caricaturas* (1906); *A conquista do pão: educação social, organização operaria* (1907); *O Tecido: órgão da classe têxtil* (1910).

⁷ Cf. «Plano da publicação», no n.º 3, de Setembro de 1905, nas primeiras páginas, não numeradas, destinadas à publicidade. Quanto à figura de Adrião Seixas a informação escasseia e encontra-se dispersa. Terá sido sócio fundador da «Companhia Portuguesa de Fiação de Tecidos», que se constitui em Março de 1889 – tirando proveito das instalações e equipamentos da recém-extinta «Companhia de papel de Alenquer» – e foi dada como falida nove anos depois (1898). Raul Brandão, nas suas «Memórias», evoca-o como secretário do Banco de Portugal, em 1903. Mas desconhece-se por quanto tempo exerceu o cargo. Também é referido como importante bibliófilo, especialmente votado à obra de Camilo Castelo Branco. No que se refere à imprensa, há a registar que esteve ligado ao diário *O Dia*, que codirigiu com Antonio Ennes, nos primeiros anos; e a revista *Brazil-Portugal*, no primeiro número de 1900, apresenta-o entre os novos colaboradores. Rafael Ferreira, nas suas memórias, recorda-o como proprietário da *Serões*, mas na publicação não vislumbrámos nada que o confirme.

⁸ Cf. «Aos Leitores», no n.º 24, de Dezembro de 1904, p. 1.

⁹ O *Diário do Governo* n.º 193, de 23 de Setembro de 1915, faz público, sob o título «Aviso Importante» que estava terminado, desde o dia 11 daquele mês, «o contrato entre a Imprensa Nacional de Lisboa e a Livraria Ferreira & Oliveira, depositária das publicações do Estado».

¹⁰ Entre outras disposições, o diploma impôs a obrigatoriedade de fazer constar o nome do director. O diploma está disponível na Hemeroteca Digital, na secção «Leis de Imprensa».

nome do «Director», **Henrique Lopes Mendonça**¹¹, que se manteve até Dezembro de 1908.

Uns meses mais tarde, em Outubro, registava-se nova alteração na “ficha técnica”: como proprietário da *Serões* constava agora a Livraria Ferreira (e não Ferreira & Oliveira, Lda. – Editores). Em Maio de 1911 (n.º 71) a redação e administração voltam a estar referenciadas ao endereço da Livraria Ferreira, na rua áurea. Desconhecemos o sentido e a relevância desta sequência de alterações.

Na produção da *Serões*, pelo menos na 2.ª série, interveio ainda a **oficina de encadernação de Paulino Ferreira**, sedeadada no n.º 82 da Rua Nova da Trindade. A própria revista, em Setembro de 1910, publicou um extenso e ilustrado artigo sobre a dita, descrevendo as suas valências, a organização do trabalho, a sua carteira de encomendas, além de tecer alguns comentários sobre o estado da indústria do livro em Portugal: «Num livro, pode o seu conteúdo não prestar, ser completamente falho de interesse, não conter litteratura; mas apresente-se com uma capa bonita, chic, e verá como desaparece do mercado e se exgotta a edição n’um instante.»¹²

A *Serões* conheceu ainda a direção de **Eduardo Noronha**¹³ (Janeiro/1909-Dezembro/1910) e de **António Sérgio de Sousa**¹⁴ (Janeiro-Dezembro/1911).

A OFERTA DE LEITURA

Com o esmiuçar deste historial, quisemos aprofundar a questão da identidade dos promotores e outros agentes envolvidos na produção e edição da revista *Serões*, deixando em relevo a aposta da Livraria Ferreira, uma editora já instalada, na publicação. Investimento que foi, como se verá, orientado pela ideia de encontrar aí um canal para a divulgação e promoção das suas edições e dos “seus” autores. O que, naturalmente, não excluiu a presença de outras motivações de natureza não comercial. A concepção da publicação periódica como ferramenta de “marketing” de uma editora de livros não constituía propriamente uma inovação. Em 1896, a *Livraria e casa editora António Maria Pereira* lançou a revista *Branco e Negro* com esse objetivo.¹⁵ É possível que tenham existido outros casos, mas, na época, não era uma prática generalizada na “classe” dos editores de livros. Portanto, não podemos deixar de a encarar como expressão do dinamismo que o sector conhecia.

Como já aqui foi referido, a *Serões* inscreve-se no universo da imprensa de **entretenimento, generalista, direccionada para o grande público**. A sua oferta de leitura assentava fundamentalmente na **literatura**, na **história** e nos **costumes**. A notícia, tal como hoje a entendemos, não tem praticamente expressão. Sobretudo, a que se relacionava com a atividade política e governativa. A presença do estrangeiro, ou melhor da Europa, do mundo ocidental, também poderá considerar-se residual, se excluirmos o campo das letras e das artes. A **literatura brasileira**, sobretudo pela voz dos poetas,

¹¹ Henrique Lopes Mendonça (Lisboa, 12/02/1856 – 24/08/1931).

¹² Cf. «A industria do livro em Portugal», nº 63, de Setembro de 1910, pp. 217-222.

¹³ Eduardo Noronha (Lisboa, 26/10/1859 – 24/08/1931).

¹⁴ António Sérgio de Sousa (Damão, 03/09/1883 – Lisboa, 24/01/1969).

¹⁵ A publicação manteve-se por dois anos, entre Abril de 1896 e Março 1898. Pode ser consultada na Hemeroteca Digital.

gozou de alguma projeção na 2.^a série¹⁶, quando a *Serões* ambicionou alargar o seu horizonte de vendas ao outro lado do Atlântico. Mas o principal centro de interesse da *Serões* era, sem dúvida, Portugal, continental.

Embora tenha nascido já no século XX, a *Serões* ainda é marcada pelos padrões característicos do romantismo, como seja: o gosto pelo que se perdia na lonjura do tempo (o passado, sobretudo, medieval, ou as tradições e costumes mais arreigados) ou do espaço (o fascínio pelo oriente e outras terras exóticas); a valorização do indivíduo, inspirado pelo seu sentir exacerbado. Mas ao lado desse romantismo persistente, conviviam outras estéticas, outros “ismos” alternativos e sucedâneos, mais centrados nas realidades envolvente, crenças na capacidade interventiva do cidadão e na possibilidade de progresso material e social. A explicação para este ecletismo da *Serões* está, provavelmente, no seu esforço de adaptação a um universo de leitores o mais amplo possível, ou seja, ao naipe de sensibilidades e ideários presentes na sociedade portuguesa. Um objectivo inúmeras vezes reafirmado e com repercussão no preçário praticado. Os **200 réis** que pedia pelas suas **72 páginas, ilustradas**, permitiam que se proclamasse «**a revista portuguesa mais barata e a mais completa**».

O plano da publicação, ao longo das duas séries, também se encontra explicado de forma redundante na publicação, pelo que o abordaremos de forma resumida, destacando algumas das alterações verificadas ao longo do tempo.

Durante a **1.^a série** a revista apresentou-se **estruturada em duas partes**: um corpo principal, que designavam de «**magazine**», pelo qual se distribuían os textos principais, na sua maioria assinados, configurando algumas secções como «Modas», «Mysterios da Historia», notas biográficas e música (pautas) – com **64 páginas**, impressas em papel branco, sedoso, com algum brilho; um suplemento, intitulado «**Variedades**», concebido para oferecer um «Memento encyclopedico», que incluía textos de divulgação (por exemplo, um manual de fotografia), uma resenha cronológica sobre noticiário internacional (organizada por países), necrologia e cartaz de teatro, uma secção de charadas, e uma caricatura (quase sempre estrangeira) – **com 8 páginas**, de papel de qualidade inferior, amarelado, prosseguindo uma numeração independente do dito *magazine*. O grafismo da capa era pouco interessante e manteve-se inalterável. A revista reservava as 8 primeiras páginas (que formavam caderno com as do suplemento) para publicidade e promoção própria. Seis números formavam um volume, para o qual era concebido o respetivo índice e capa.

No que concerne à oferta de leitura destacam-se: as crónicas de viagem de **António Enes**, «De Lisboa a Moçambique» (n.ºs 1 a 15) e «Uma visita à Beira», ambas apresentadas como inéditas (n.ºs 16 a 21); a obra do alemão **Albrechet Haup** sobre «A Architectura da Renascença em Portugal» (a partir do n.º 13, prolongando-se pela 2.^a série)¹⁷; e vários estudos de **Sousa Viterbo** sobre património português.

Mas durante os 3,5 anos da 1.^a série, a *Serões* **contou com a colaboração de muitos outros autores, ou adquiriu o direito de publicar as suas obras**. Essa diversidade, no entanto, é contrabalançada pelo carácter fugaz das presenças (se excluirmos os casos em que se verificou a publicação faseada de uma obra). Assim, deixaram firmado o seu nome na publicação: Abel Botelho (Tabuaço, 1856- Buenos Aires, 1917), António Ferreira de Serpa (Horta, 1865- Lisboa, 1939) Antonio Júlio do Valle Sousa, Silva Telles

¹⁶ No final apresenta-se uma resenha dos autores brasileiros (ou referenciados ao Brasil) publicados na 1.^a e 2.^a séries.

¹⁷ Segundo apurámos, em Portugal, a obra só será editada em livro no ano 1986.

(Francisco Xavier da Silva Telles; Goa, 1860 – Lisboa, 1930), Z. Pedrozo Consiglieri (Lisboa, 1851 – Sintra, 1910), T. Lino D'Assumpção (1844 – 1902), Affonso Vargas (1859-?), entre muitos outros¹⁸. No feminino, há apenas a registar um artigo de Virgínia da Fonseca, sobre uma exposição de labores, realizada no Ateneu Comercial¹⁹

Embora a revista seja profusamente ilustrada, vive sobretudo da reprodução de pintura, da gravura – na maioria das vezes, por P. Marinho – e da fotografia de **Bobone**, **Camacho**, **Arnaldo Fonseca** e de amadores. Esporadicamente, publicou algumas ilustrações de **Pinto Leal** e **Roque Gameiro** e desenhos de **Adolfo Benarus** (1863-1950).

Por último, chamamos a atenção para o esforço de auto-promoção e de conquista e fidelização do leitor que foi desenvolvido, nomeadamente para o já referido sistema de distribuição domiciliária da publicação, com aplicação apenas nas cidades de Lisboa e Porto, apresentado em Dezembro de 1902 (n.º 11).

A PROMOÇÃO DO LIVRO

Com a passagem da propriedade para a *Livraria Ferreira & Oliveira* e o **lançamento da 2.ª série**, a *Serões* conheceu algumas reformulações, embora a sua essência se mantenha. De facto, os pontos de interesses são essencialmente os mesmos e muitos dos autores que haviam colaborado na 1.ª série reaparecem.

As novidades resultaram, sobretudo, do **aprofundamento de linhas editoriais já exploradas**, da **melhoria dos aspetos gráficos**, do **estímulo à participação do leitor e do público** em geral e da **projeção do livro na revista**, isto é, das obras e dos autores publicados pela Livraria Ferreira & Oliveira.

Assim, o suplemento «Variedades» deu lugar à secção «**Actualidades**», do “magazine”, onde se concentrava o noticiário (curtas), arrumado por tópicos; outras secções novas foram: a «**Correspondência dos Serões**», localizada no primeiro caderno, ao lado da autopromoção e da publicidade dos anunciantes; «**Os Serões dos bebês**» e «Quebra cabeças». Os **suplementos** passaram a ser dois: «**Os Serões das senhoras**», com 16 páginas, e «**A Música dos Serões**», com 4 páginas. Tudo isto levou a um **aumento significativo do número páginas** (superior a cem), mas o **preço de venda**, quer a avulso, quer por assinatura, **manteve-se inalterável!** Em nossa opinião, a viabilidade dessa decisão não pode deixar de estar relacionada com as condições materiais e financeiras que o novo proprietário, a *Livraria Ferreira & Oliveira*, dispunha; mas também traduz a sua confiança no mercado do livro e, conseqüentemente, no crescimento do número de leitores e na expansão da leitura.

Nesse sentido, aponta também a estratégia de comunicação e **abertura da publicação à participação do público** e também dos artistas e literatos, adotada desde o início da 2.ª série. Logo no primeiro número, há notícia de um «**concurso para o desenho das capas**» da revista que havia sido lançado no ano anterior e cujo prazo terminara a 27 de Novembro.²⁰ Como até ali não entrámos qualquer alusão ao concurso, deduzimos que se

¹⁸ No final da presente “Ficha” apresenta-se uma resenha dos autores que colaboraram ou foram publicados durante a 1.ª série. Igual tratamento se adotou em relação à 2.ª série.

¹⁹ Cf. *Serões*, 1.ª série, n.º 9, de Jan. a Fev., pp. 131-134.

²⁰ Pensamos que se trata da concepção gráfica da capa, pois a imagem de fundo varia a cada número. De qualquer maneira, o próprio arranjo gráfico da capa não foi sempre igual.

fez através de convite ou de um prospecto, distribuído com algum número da 1.^a série ou de forma autónoma. Segundo então esclareciam, o vencedor fora Alfredo Roque Gameiro, mas no contexto do artigo são reproduzidos outros projetos concorrentes. O concurso, além de refletir a aposta na valorização gráfica da publicação, também dá testemunho sobre o tempo e os cuidados postos na preparação da mudança de propriedade e no lançamento da 2.^a série da *Serões*.²¹

Entre os **artistas plásticos** que colaboraram com a 2.^a série da *Serões* figuram: **Casanova** (1850-1913), **Moraes** (1872-1971), **J. Machado**, **Raquel Roque Gameiro** (1889-1970), **Almeida e Silva** (1864-1965), **Antonio Carneiro** (1872-1930), **Manuel Bordallo Pinheiro** (1867-1920), **Manuel Jardim** (1883-1923). Mas no que toca à imagem, a ilustração não teve uma presença marcante na revista. As técnicas de **gravura e a fotografia foram preferidas** e os autores foram basicamente os mesmo da 1.^a série.

No número seguinte, o segundo, além da já referida secção «Correspondencia dos Serões», a publicação anunciou o «**PRIMEIRO CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS**»²², dirigido aos fotógrafos amadores. Como então se explicava, tratava-se do primeiro de uma série de seis, que haviam sido «prometidos no seu prospecto», provavelmente, o mesmo que servira para relançar a publicação e o concurso das capas. Fazendo fé na informação, nas fotografias e nos comentários que a *Serões* foi publicando todos os anos, até 1908, nunca faltaram concorrentes. Em 1907, também se fez notícia de um outro concurso, realizado em parceria com *O Século*, que consistia em localizar uma frase na publicação.²³ Desconhecemos o desfecho da iniciativa, mas para o caso pouco importa. O que se pretende aqui é sublinhar a **aposta da revista na participação do público**, ainda que, com o decorrer dos anos, essa estratégia tenha esmorecido.

A projeção das edições da *Livraria Ferreira & Oliveira* na *Serões* fez-se sentir desde o primeiro número, quer em formato de anúncio, inserido no caderno reservado para a publicidade – referindo um único título, as últimas edições lançadas ou as que estavam no prelo –, quer por recurso a fórmulas mais discretas, como a publicação de um trecho, indicando em rodapé que fazia parte de uma obra recentemente lançada ou em preparação.²⁴ Embora menos comum, também é possível surpreender a edição em livro de uma obra que já fora publicada na revista²⁵.

Também a análise comparativa entre os autores das obras publicitadas e os que mais colaboraram com a *Serões* é reveladora de uma expressiva simultaneidade. Sem pretendermos ser exaustivos, refere-se o caso dos autores: Maximiliano de Azevedo, Raul Brandão, D. João de Castro, Anthero de Figueiredo, Cândido Figueiredo, Maria Pinto Figueirinhas, Alfredo Keill, Joaquim Madureira, Henrique Lopes Mendonça, Marcelino Mesquita, Wenceslau de Moraes, António Correia d'Oliveira, Conde Sabugosa, Henrique Vasconcelos, A. Cruz de Rocha Peixoto, entre outros.

Da profusão e diversidade de textos que deram corpo à 2.^a série, não foi fácil eleger alguns “casos” para caracterizar a publicação ou, simplesmente, despertar o interesse de potenciais investigadores ou simplesmente curiosos. **O ecletismo era, definitivamente, a**

²¹ Cf. «As capas dos Serões», no n.º 1, da 1.^a série, de Junho de 1905, pp. 81-84. O artigo também refere os objetivos que estavam subjacentes à iniciativa e a composição do júri, entre outros aspetos.

²² Cf. *Serões*, 2.^a série, n.º 2, Julho de 1905, a seguir ao «Sumário».

²³ Cf. «Correspondencia dos Serões», 2.^a série, n.º 13, de Julho de 1907.

²⁴ A título de exemplo, ver o n.º 8, da 2.^a série, de Fevereiro de 1907.

²⁵ Cf. «Os Bastidores do Nihilismo», de Max Pemberton, publicada nos n.ºs 36 (Junho.1908) ao n.º 49 (Julho 1909), e que foi publicitada como novidade da livraria no n.º 50, de Agosto de 1909.

sua marca definidora. Levados por essa inspiração, fomos rebuscar o que nos pareceu mais inédito.

Porque trata de Lisboa na literatura e nos dias – na forma cativante de uma conversa entre dois homens de letras, amigos – e **configura uma espécie de manifesto do Realismo**, destacamos o texto «**A miséria em Lisboa**», de **Luis da Câmara Reis** (1885-1961).²⁶

Merecem também atenção dois curiosos “**inquéritos**” realizados pela *Serões*. O primeiro, ocupou-se em descobrir «**Como trabalham os nossos escritores**». A investigação foi de **Albino Forjaz Sampaio**, já que é ele o autor do “relatório” publicado. Denunciando uma espécie de pudor pela profanação protagonizada, Albino Forjaz Sampaio justifica-se com o pendor *voyeurista* do público, referindo também o sucesso da *interview* como texto jornalístico. Os autores inquiridos foram: Abel Botelho, Affonso Lopes-Vieira, Carlos Malheiro Dias, Eduardo Scwalbach, Engénio de Castro, Fialho d’Almeida, Gomes Leal, D. João da Camara, João Penha, Julio Dantas e Theophilo Braga. Em tom intimista, revelam-se alguns hábitos, gostos e opiniões, que se completam com fotos e caricaturas.²⁷

No segundo inquérito, sonda-se a «**Paisagem Portuguesa**» **preferida entre os homens de letras e os artistas**. Foram recolhidas e publicadas mais de três dezenas de respostas, o que confere ao estudo algum interesse sociológico: Guerra Junqueiro (28), Fialho de Almeida (28), Henrique Vasconcellos (28), Affonso Lopes Vieira (28), Santos Tavares (28), Olga Sarmiento (28), Abel Botelho (28), Luciano Freire (28), Magalhães Lima (28), Columbano (28), António Corrêa D’Oliveira (28); José Sarmiento (28); Bulhão Pato (30), Theofilo Braga (30), João Penha (30), Cândido de Figueiredo (30), Júlio Dantas (30), Augusto Gil (30), Jorge Colaço (30), Alfredo Mesquita (30), Francisco Valença (30), Manuel Duarte d’Almeida (32), Manuel da Silva Gayo (32), Arnaldo Fonseca (32), José Figueiredo (32), Gomes Leal (50), Engénio de Castro (50), Anthero de Figueiredo (50), Julio Brandão (50), Teixeira de Pascoaes (50), Fausto Guedes Teixeira (50) e Faustino da Fonseca (50).²⁸

Em Dezembro de 1911, sem que nada o tivesse antecipado, a última edição do ano fechou com o seguinte «Aviso»: «A publicação dos SERÕES é interrompida neste número. Aos nossos assignantes que acaso hajam pago importâncias relativas a meses futuros, rogamos o obsequio de as reclamarem á Administração.» Quanto à Livraria Ferreira manteve-se por muitos mais anos.

Rita Correia

Lisboa, 24 de Abril de 2012

²⁶ Cf. n.º 41, da 2.ª série, de Novembro de 1908, pp. 334-343.

²⁷ Cf. n.º 19, da 2.ª série, de Janeiro de 1907, pp. 36-53.]

²⁸ Cf. na 2.ª série, os n.ºs 28 (Outubro. 1907), n.º 30 (Dezembro.1907) e n.º 50 (Agosto.1909). Todos eles colaboraram com a *Serões*.

BIBLIOGRAFIA:

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Instituto Português do Livro e da Leitura, coord. Eugénio Lisboa. 3º, 4º, 5º e 6º vols. Lisboa: Publicações Europa-América, 1985. ISBN 972-1-03185-2 (v. 3), 972-1-04378-8 (v. 4) 972-1-04726-0 (v. 5) e 972-1-04779-1 (v. 6).

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

BRANDÃO, Raul – **Memórias I**

[disponível em http://docs.paginas.sapo.pt/raulbrandao/Memorias_I.pdf consultado em 19/03/2012].

FERREIRA, Rafael - **No Bastidos do Jornalismo. Memórias de Rafael Ferreira**. Lisboa: Edição Romano Torres, 1945.

GUEDES, Fernando – **Os Livreiros em Portugal e as suas associações desde o século XV até aos nossos dias**. Lisboa: Verbo, 1993. ISBN 972-22—1585-x.

PIRES, Daniel, **Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)**. Lisboa: Grifo, 1996. ISBN 972-1-00640-8.

SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos – «**As penas de viver da pena (aspectos do mercado nacional do livro no século XIX)**», in *Análise Social*, vol. XXI (86), 1985-2.º, pp. 187-227.

Idem – «**Para a análise das ideologias da burguesia**», in *Análise Social*, vol. XIII (49), 1977-1.º, pp. 7-54.

«**Fábrica de Papel**». Alenquer: Câmara Municipal de Alenquer [disponível em <http://www.cm-alenquer.pt/Catalogs/listentities.aspx?category=24&page=11> consultado em 6/03/2012].

Autores literários que colaboram, ou foram publicados, na Serões, durante a 1.ª série: Thomaz Lino d'Assumpção (1844-1902); Abel Botelho (1856- 1917); Raúl Brandão (1867- 1930); Martinho Brederode; Braz Burity (pseud. de Joaquim Madureira; 1874-1954); D. João da Câmara (1852-1908); Eugénio de Castro (1869-1944); Barbosa Colen (1849-1917); Cosme; Rui Diniz; António Enes (1848- 1901); Faustino da Fonseca (1871-1918); Virginia da Fonseca; Affonso Gayo (1871-1941); Hall-Caine (1853-1931); Henrique Lopes Mendonça (1856-1931); Bento Moreno (pseud. de Francisco Teixeira de Queirós, 1848- 1919); José de Sousa Monteiro (1846-1909); Wenceslau de Moraes (1854-1929); Visconde de Ouguella (Carlos Ramiro Coutinho, 1828-1897); Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910); Max Pemberton (1863-1950); Alberto Marques Pereira; José Feliciano Marques Pereira; Teixeira Queiroz; Augusto Ribeiro; António Ferreira de Serpa (1865-1939); Armando da Silva; João Sincero; António Júlio do Valle Sousa; Francisco da Silva Telles (1860-1930); Affonso Vargas (1859-?); Pedro Videira; Sousa Viterbo (1845-1910). O único autor brasileiro detetado foi Gonçalves Crespo (1846-1883);

Autores literários que colaboram, ou foram publicados, na Serões, durante a 2.ª série: Carlos **A**breu; Josephina Vasconcellos de Abreu; Zacharias d’Aça (1839-1908); Fialho d’Almeida (1857-1911); Manuel Duarte de Almeida (1844-1914); Mário d’Almeida (1889-1922); Rui Alvares (pseud. de Augusto Ribeiro, 1853-1913); Acácio Antunes (1853-1927); A. Vicente Arnoso; António Arroyo (1856-1934); José d’ Arruela (1881-1960); Alice (1874-1917) & Claude Askew (1865-1917); Maximiliano de Azevedo (também assina c/ pseud. Zelio, 1850-1911); António **B**aião (1878-1961); A. F. Barata; João Barreira (1866-1961); João de Barros (1881-1960); Silva Bastos (1844-1911); A. Beldiabo (pseud. de Alberto Bessa, 1861-1938); Mercedes Blasco (1867-1961); Alberto Braga (1851-1911); Camilo Castelo Branco (1825-1890); João de Freitas Branco (1855-1910); Júlio Brandão (1869-1947); Augusto de Moura **C**abral; Curry Cabral (1844-1920); Lutegarda de Caires (1873-1945); Agostinho de Campos (1870-1944); Alcântara Carreira; Coelho Carvalho; Domitília de Carvalho (1871-1966); Maria de Carvalho (1889-1973); Pinto de Carvalho (Tinop) (1858-1930); Augusto Casimiro (1889-1967); Cacilda de Castro; D. João de Castro (1831-1955); Maria de Castro; Chateaubriand (1768-1948); F. Sá Chaves (1856-1916); Anton Chekhov (1860-1904); F. Adolpho Coelho (1847-1919); Leonardo Coimbra (1883-1936); Branca de Gonta Colaço (1880-1945); Alberto Correia; Jaime Cortesão (1884-1960); Augusto Ramos da Costa (1875-1939); Manuel Costa; Sousa Costa (1869-1971); Alfredo da Cunha (1863-1942); Júlio **D**antas (1876-1962); Carlos Malheiro Dias (1875-1941); Júlio Diniz (1839-1871); Conan Doyle (1859-1930); Raul Augusto **E**steves (1878-1955); Fidelino **F**igueiredo (1889-1910); Anthero de Figueiredo (1866-1953); Cândido de Figueiredo (1846-1925); José de Figueiredo (1872-1937); Maria Pinto Figueirinhas; Faustino da Fonseca (1871-1918); Thomaz da Fonseca (1877-1968); Augusto Forjaz (1865-1922); Justus Miles Forman (1875-1915); Anatole France (pseud. de Jacques Anatole François Thibault, 1844-1924); Jordão de Freitas (1866-1950); José António de Freitas (1849-1931); Manuel da Silva **G**ayo (1860-1934); Thomaz Almeida Garrett (1883-1929); Augusto Gil (1873-1929); J. Reis Gomes (1869-1950); João Gouveia (1880-1947); Mariano Gracias (1871-1931); João Grave (1872-1934); Walter E. Grongan; Alfredo Guimarães (1882-1958); Henry A. **H**enrig (1864-1945); Maurice Hewlett (1862-1949); Félix Horta (1891-1971); **IGNOTUS** (pseud.); Owen **J**ohnson (1878 – 1952); Henrique Marques Júnior (1881-1953); Francisco Rangel de Lima Júnior (1860-1936); Guerra Junqueiro (1850-1923); Manuel **L**aranjeira (1877-1912); Carlos Cilia de Lemos (1801-1900?); Archer de Lima (1882-1942); João de Lebre e Lima (1889-?); José Lobo D’Avila Lima 1885?-1956); Rangel de Lima (1839-1909); Alfredo Luiz Lopes; Bernardo Lucas (1865-1950); João Luso (pseud. de Armando Erse; 1875-1950); Manuel de **M**acedo (1839-1915); Virgílio Machado (1859-1927); A. Cardoso de Faria Maia; Eduardo Augusto Marques (1867-1944); Cardoso Martha (1882-1958); Rocha Martins (1879-1952); Lina Marville; Rui Ferro Mayer (1887-1959); Augusto de Melo; João Mascarenhas de Mello (1867-?); Martinho Nobre de Mello (1891-1985); Henrique Lopes de Mendonça (1856-1931); Adriano Merêa (1856-1933); Alfredo Mesquita (1871-1931); Carlos de Mesquita (1870-1916); Marcelino Mesquita (1856-1919); Eduardo Metzner (1889-1922); Justino de Montalvão (1872-1949); Alberto Monsaraz (1889-1959); Mário Monteiro (1885-1951); José de Sousa Monteiro (1846-1909); Paulo de Moraes; Wenceslau de Moraes (1854-1919); Carneiro de Moura (1868-1944); Manuel de Moura (1864-1934); Eduardo de **N**oronha (1859-1948); Thomaz de Noronha (1870-1934); Maria Pereira D’Eça **O**’Neill (1873-1932); António Correia d’Oliveira (1879-1960); João Correia de Oliveira; Ramalho Ortigão (1836-1915); Ana de Castro Osório (1872-1935); (1881-1960); Paulo Osório (1882-1965); Carlos Frederico **P**arreira; Teixeira de Pascoaes (pseud. de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, 1877-1952); Bulhão Pato (1829-1912); Ladislau Patricio (1883-1967); Zófimo Consiglieri Pedroso (Lisboa, 1851-Sintra, 1910); Rocha Peixoto (1866-1909); Max

Pemberton (1863-1950); João Penha (1839-1919); Manuel Penteado (1874-1911); Firmino Pereira (1855-1918); Damião Peres (1889-1976); D. José Pessanha (1865-1939); António Pinheiro (1867-1943); António de Sousa Madeira Pinto; Severo Portela (1875-1945); Hippolyto **R**aposo (1885-1953); André dos Reis; Carlos Reis (1863-1940); Luís da Camara Reis (1885-1961); Aquilino Ribeiro (1885-1963); Victor Ribeiro (1872-1930); Júlio Baptista Ripado; José Júlio Rodrigues (1874-1948); Pedroso Rodrigues (1883-?); Adriano de **S**á (1860-1952); Conde de Sabugosa (1854-1923); Albino Forjaz de Sampaio (1884-1949); J. Pereira de Sampaio (Bruno) (1857-1915); Carlos Affonso dos Santos (1887-1940); Herman Scheffauer; Jorge Santos; Baldaque da Silva (1853-1915); A. Vieira da Silva (1869-1951); J. B. Pinto da Silva; Manuel Emygdio da Silva (usa pseud. L. Mano, 1858-1936); Portugal da Silva (1861-?); António Dias Simões; J. de Oliveira Simões (1880-1946); Veiga Simões (1888-1954); Celestino Soares; Francisco da Silva **T**elles (1860-1930); Ricardo de Souza Alberto Teles (1840-1924); Vance Thompson (1863-1925); Mark Twain (pseud. de Samuel Langhorne Clemens, 1835-1910); Affonso **V**argas (1859-?); Henrique Vasconcellos (1876-1924); Afonso Lopes Vieira (1878-1946); José Lopes Ferreira; Ernesto Vieira (1848-1915); Eugénio Vieira; Herbert George **W**ells (1866-1946);

Autores brasileiros presentes na 2.^a série: Filinto de **A**lmeida (poeta, 1857-1945); Amadeu Amaral; Gervásio d'Araújo; Oscar **B**risola (1887-1954); Alcântara **C**arreira (1876-1928); Mário **F**lorival; Luiz Franco; Péres **J**únior; Alípio **M**achado; Joaquim Magalhães; Domingos Margarinos; Carlos Cília de Melo; Veiga Miranda (1881-1936); Fernando **N**ery; José Apolinário d'**O**liveira; Pedro **P**essoa; Bruno **R**angel Pestana; Joel Pinto; Simões Pinto; João do **R**io (pseud. de João Paulo Emílio Coelho Barreiro, 1881-1921); Theodoro Rodrigues; Guilherme Rubim; Lauro **S**odré (parlamentar e publicista); Raul do **V**alle (pseud. de Horácio Bernardo da Silva Guimarães, 1870-1959); Oduvaldo Vianna (1892-1972).